

## DIALOGANDO COM AS MEMÓRIAS EMIGRANTES: UM DESTINO CHAMADO BRASIL

*Elis Regina Angelo  
Dolores Martin Corner*

### **Introdução**

O Arquipélago dos Açores foi profundamente afetado pelos acontecimentos revolucionários no Continente e a emigração, enquanto foco determinante para muitos açorianos, parecia algo “certo” para muitas das famílias que decidiram partir de Portugal. A partir de 1950, a Ilha de São Miguel foi a que mais registrou saídas em relação às demais ilhas do arquipélago. Os fatores de maior relevância se encontram nas condicionantes externas, justificadas no país de destino e nas relações familiares neles estabelecidas.

### **1. Fenômeno da emigração para o Brasil**

Segundo análise do processo emigratório neste período histórico, alguns apontamentos das motivações podem ser estabelecidos em estudos e pesquisas que acompanharam essa trajetória como “estratégias de ordem individual e familiar balizados em contextos geográficos, económicos, sociais, políticos e culturais específicos”. No entanto, as razões económicas foram sempre as que mais pesaram<sup>1</sup> e, embora no processo de emigração não seja de descuidar as forças de atração por motivações afetivas, aquela está, normalmente, associada a um baixo nível sócio-económico da família que, por sua vez, se reflecte no fraco capital cultural e simbólico<sup>2</sup>.

“No período de 1950 a 1970, aproximadamente, observou-se uma certa inibição da imigração portuguesa quando o primeiro ministro Antonio de Oliveira Salazar lançou uma política de emprego que se manifestou em três Planos de Fomento. Estes planos

---

<sup>1</sup> ROCHA, 2001: 75.

<sup>2</sup> MEDEIROS, MADEIRA, 2004: 51.

previam a expansão e a modernização técnica na agricultura e na indústria, mas por outro lado, houve um desequilíbrio do mercado de trabalho, com o desenvolvimento das forças produtivas. A partir do segundo Plano de Fomento, com a expansão das indústrias e dos serviços houve maior mecanização na agricultura; garantindo assim, mão-de-obra para o setor secundário, resolvendo também o problema do sub-emprego no campo. A consequência, entretanto, foi a estimulação indireta para o êxodo rural e emigração”<sup>3</sup>.

O que era esperado pelo governo era exatamente o contrário do que se teve em Portugal. Os Açores, que tinham maior contingente de áreas rurais e consequentemente maior número de mão-de-obra na agricultura, buscaram a emigração enquanto saída porque não era apenas essa a questão do emprego. No arquipélago as coisas aconteciam de forma mais lenta. Esse plano de fomento trouxe a eles a possibilidade de migrar ou emigrar e, com amigos e familiares morando em outros países, restava a decisão de partir ou sobreviver com poucos recursos.

Além do que, com uma sociedade patriarcal, os açorianos tinham na figura do pai e do homem os indicativos de ocupação/função que definiam o status socio-econômico e cultural familiar e dependiam de suas conquistas financeiras para a sobrevivência.

“(…) Como nos ensina a Sociologia, era a posição do chefe de família (homem) que determinava a posição da família na estratificação social. Não admira, pois, que “os recursos da família e a sua posição, (ou melhor, a posição do marido-pai) na escala ocupacional eram por isso assumidos em primeiro lugar como indicadores de pertença cultural”<sup>4</sup>.

Às mulheres cabia a administração da casa, dos filhos e preferencialmente auxiliar o homem com seus afazeres da “roça”. Quando perguntado sobre como era a função da mulher em relação ao homem, há uma clara definição dessa afirmativa.

“Olha não havia muita diferença, não “a mulher açoriana era pau pra qualquer obra...” Tanto na hora de preparação das terras para o plantio, como nas colheitas, elas estavam sempre presente. Minha mãe no início da vida ela é que ia cuidar das vaquinhas, pois meu pai trabalhava na Câmara de Ponta Delgada, ou seja, na cidade e minha mãezinha é que cuidava da labuta diária da casa e da lavoura. Aqui, se sua função era de tecelã, fazia o trabalho de tecelão. Às vezes até melhor do que do próprio homem, não vejo e não vi, pelo menos em minha opinião, diferença nenhuma. Claro, trabalho pesado, como o de se carregar pedra às costas. Como se sabe as ilhas apresentam fortes atividades vulcânicas, e ainda hoje ainda são constatadas, surgindo assim, muita formação rochosa no solo, então era necessário retirarem-se as pedras do solo agricultável e aplicá-las nas

---

<sup>3</sup> ROCHA-TRINDADE, CAMPOS, 2003: 57.

<sup>4</sup> ROCHA-TRINDADE, CAMPOS, 2003: 51.

linhas de divisas e ou curvas de nível e desse modo se evitaria a lixiviação. Serviços mais pesados naturalmente eram exercidos pelos homens, Mas elas estavam sempre presentes, até na dedicação e preparação das refeições para os homens do trabalho na terra. Lembro-me de levar o almoço, preparado pela minha mãe, aos meus irmãos, quando estavam na lavoura”<sup>5</sup>.

As memórias do sr. Henrique fundamentam as funções exercidas pela mulher, quer em casa, quer na lavoura. A união dos membros da família para o desenvolvimento das funções era determinante para o funcionamento do todo. Cada um tinha suas funções. Desde criança, as tarefas eram determinadas por horários.

Apesar da união dos familiares, muitas eram as vertentes que faziam com que os açorianos tivessem a emigração como resolução para seus problemas. A ausência de possibilidades de ganhos por parte dos próprios familiares fazia com que apenas o chefe da família tivesse os recursos para o sustento de todos. Esses recursos na maioria das vezes não eram suficientes para a manutenção da casa, das terras e nem mesmo de todos os filhos.

Das questões que permeavam a decisão de partir, as circunstâncias que permitiram a saída dos Açores há algumas ponderações que sem dúvida fizeram parte das preocupações das inúmeras famílias que passaram pela experiência de partir.

Nesse processo, inquestionavelmente havia fases: “a decisão de partir, os preparativos, a viagem, no país de destino a primeira instalação, a inserção, a decisão de fixação definitiva ou regresso e, neste último caso, a reinserção no país de origem”<sup>6</sup>.

“Expectativas, aspirações, sonhos, desalentos e resistências culturais colocadas no cotidiano e no enfrentamento do dia-a-dia tornaram-se, assim, objetos de investigação, com histórias de vida constituindo-se em exemplos emblemáticos da epopéia dramática em que sempre se constituiu o ato de abandonar o conhecido e o familiar em prol do desconhecido e da solidão no além-mar”<sup>7</sup>.

Do momento da decisão de partir até a concretização da mudança, muitas eram as fases do percurso, além do que poderiam levar; o que e com quem deixariam seus pertences, a parte da família que ficaria aguardando recursos financeiros para a viagem de navio, entre outras questões que caminhavam para o processo da decisão. O desconhecido sempre fez parte das histórias de vida dos que optaram pela emigração.

---

<sup>5</sup> Henrique de Arruda Soares – Nasceu em 22 de Abril de 1949 em São Miguel, Açores, Portugal. Emigrou para o Brasil em 4 de Abril de 1956, com seis anos de idade. Veio para São Paulo com carta de chamada do irmão para todos os membros da família que ainda estavam nos Açores. Vieram no Navio Corrientes seu pai, mãe e irmãos: Helena, José, João e Miguel. Entrevista concedida em 7 de Julho de 2008, na Casa dos Açores de São Paulo. Menção às diferenças entre o trabalho exercido nos Açores por homens e mulheres da família.

<sup>6</sup> ROCHA-TRINDADE, CAMPOS, 2003: 100.

<sup>7</sup> MENEZES, 2000: 166.

Os enfrentamentos para esse ato resultaram na construção de uma nova vida, seja para aqueles que ficaram, seja para os que regressaram.

Para os que ficaram as mudanças também são inquestionáveis, pois revelam uma sociedade que também teve que se adaptar a uma estrutura em constante transformação, além das mudanças políticas e administrativas pelas quais o país passava no período histórico mencionado.

“Apesar da emigração ser a principal variável determinante na evolução demográfica dos Açores, responsável pelos ritmos de acréscimo e decréscimo da sua população, das inversões de tendência populacional verificada em algumas épocas, como ainda nas alterações de ordem estrutural, tanto a nível do equilíbrio entre os sexos ou entre as diferentes idades, o facto é que a sua presença se faz sentir de um modo muito mais abrangente em toda a sociedade. Nas características e nas relações sociais, económicas e culturais da população açoriana a emigração esteve e está bem presente e não pode ser negligenciada quando se pretende conhecer a sociedade do conjunto do arquipélago ou de uma das suas partes – ilha, concelho ou freguesia – em qualquer época histórica”<sup>8</sup>.

Do número de emigrantes, há uma evolução descontínua de ritmos, com períodos de altos números de saídas e outros com números reduzidos. Conforme salienta Gilberta Pavão, em seu estudo sobre o fenómeno emigratório, entre as décadas de 66 a 75 as saídas tiveram seu valor mais alto, cerca de 10 800 pessoas/ano, num total de 108 000<sup>9</sup>.

Apesar do Brasil não ser o destino mais procurado nessa época pelos açorianos, a história da emigração portuguesa para o país deixou marcas significativas em todas as dimensões.

“Informação recente do Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas revela que o Brasil é a nação onde se radicou o maior número de portugueses ausentes do seu país. Foi neste país, ainda, que a integração dos portugueses se realizou de forma mais efetiva. Hoje podemos encontrar membros da comunidade luso-brasileira ocupando postos de destaque nos mais diversos segmentos da sociedade brasileira. Com elementos fornecidos pelas embaixadas e consulados portugueses, bem como por estimativas obtidas através do relatório SOPEMIjOCDE-1979, aquele organismo da Secretaria de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas assinala, no Brasil, a presença de 1 milhão e 200 mil portugueses. Em 2.º lugar vem a França com 823 000, seguida da África do Sul, com 600 000 portugueses. O Canadá, reunindo cerca de uma quarta parte dos portugueses do Brasil, ou seja, 240 000 vêm em quarto lugar e, logo depois, em 5.ª e 6.ª posições, os Estados Unidos da América do Norte com 123 000 e a Alemanha com 111 915. As nações nas quais os portugueses menos se radicaram são:

---

<sup>8</sup> MEDEIROS, MADEIRA, 2003: 6.

<sup>9</sup> ROCHA, 2001.

Mauritânia (apenas f, segundo estimativa referente a 1978); Santa Fé, China e Gâmbia (dois em cada país); Islândia e Malásia (3, também em cada país). Na Argentina estão radicados 60 000 portugueses, precisamente o dobro dos que vivem na Espanha e em Luxemburgo. A Venezuela acusava, em 1980, a presença de 140 000; o Uruguai 1 400 e a Bolívia, 70”<sup>10</sup>.

O Brasil era o refúgio daqueles que já tinham de certa forma uma inserção via família, amigos, trabalho ou outra forma qualquer de aproximação da idéia de emigrar, as decisões foram sendo tomadas na medida em que os acontecimentos no país geraram algum desconforto maior, assim se deu o fenômeno emigratório para diversas partes do mundo.

## **2. Os protagonistas: desvendando as histórias comuns**

“Eu vim com meu pai, minha mãe e mais meus irmãos: Helena, José, João e Miguel. Eu vim no passaporte da minha mãe. Foi em quatro de abril de 1956. Eu não sei qual era o navio, acho que era o Corrientes ou Salta. Levou certo tempo, uns trinta dias, ficou muito tempo em Lisboa, depois paramos um pouquinho no Rio de Janeiro e depois chegamos a Santos. Levaram mais ou menos uns trinta, trinta e cinco dias, porque paramos um pouco em Lisboa, porque era um navio misto, passageiros e carga. Então, levou certo tempo até o navio partir de Lisboa/Portugal para Santos/São Paulo – Brasil, para mim foi algo diferente, porque ainda na vida de infância, na Ilha, não tinha noção de outro mundo. Ao entrar no navio, daquele porte, foi para mim fantástico e divertido. Eu não tinha expectativas, até porque, me sentia protegido no meio de todos os meus irmãos mais velhos. Claro, eu era o caçula... e no meio de meus pais e irmãos, tinha plena segurança. Com eles, estava protegido. Não vivi nenhum momento de insegurança na viagem ou na minha infância”<sup>11</sup>.

Das memórias do senhor Henrique, com 6 anos de idade, a imagem da viagem era diferente dos adultos, com um olhar curioso, sem grandes medos ou inseguranças, viajou como se estivesse passeando, rumo a um destino impensado.

“Eu lembro de tudo, a gente era uma família de classe média, meu pai contonero, meu irmão Vicente para sair do exército veio aqui para o Brasil, minha mãe e meu pai recebendo

---

<sup>10</sup> Portal da Comunidade Luso-Brasileira. *Maior população portuguesa ausente do país vive no Brasil*. Disponível na internet em: <<http://www.cclb.org.br/boletins/boletins02.htm>> (Pesquisa realizada em 21/8/2009).

<sup>11</sup> Henrique de Arruda Soares – Nasceu em 22 de Abril de 1949 em São Miguel, Açores, Portugal. Emigrou para o Brasil em 4 de Abril de 1956, com seis anos de idade. Entrevista concedida em 7 de Julho de 2008, na Casa dos Açores de São Paulo.

cartas, chorando e chorando e chorando, inconsolados, então meu pai resolveu vir pra cá e trazer nós. Grande homem, corajoso, ele era contonero, funcionário público, a gente recebia abono família que era 50 escudos naquela época, meu pai não precisava vir pra cá, uma bela casa, a gente tinha vacas, terras, pastos, mas o meu irmão veio pra cá, meu pai resolveu trazer a gente todos. Veio 5 e 6 com meu irmão que tava aqui já. Foi cinco e os menores. Foi uma luta, pegar o navio, o Carvalho Araújo em Ponta Delgada até Lisboa, Lisboa ficamos 15 dias gastando dinheiro, e a gente precisava tirar os documentos pra continuar a nossa caminhada até o Brasil aí viemos para o Brasil. Difícil...»<sup>12</sup>.

O senhor José de Arruda teve outra percepção da viagem, diferente dos irmãos mais novos, sentia o sofrimento do pai em partir da Ilha em busca de nova vida para sua família. Ao mesmo tempo em que sentia certo alívio em conquistar uma vida melhor, tinha o sentimento angustiante de não dar certo, ter que voltar, além de sair da sua terra, contrariando seus interesses anteriormente definidos.

Desses sentimentos pode-se dizer que quando chegava a hora de partir, todos os membros da família sofriam. Uns mais, outros menos, ou ainda nem sabiam o que estava por vir, sabiam sim que iriam embora, mas para onde? Fazer o quê? Estas eram as questões que permeavam na cabeça das crianças, filhos açorianos que saíam da ilha para outro continente sem saber exatamente o que significava a viagem. Quantos dias de viagem... Primeiro chegou ao porto e viu aquele navio enorme de onde saíam para a nova casa, o novo bairro, os novos amigos, a nova escola. O irmão mais velho já os aguardava em outro país, era chegada a hora da partida.

Muitos ficavam aguardando serem chamados para mudarem de país. O processo de emigração acentuava-se no período de 1950, por conta das guerrilhas na África. Portugal chamava os homens para serem soldados nas colônias e, com isso, muitos fugiam dos Açores e do Continente para não participarem das possíveis batalhas.

A viagem para o Brasil durava cerca de trinta dias, nesse tempo, as visões, sensações e sentimentos de cada membro da família possuía conotações totalmente diferentes. Os dois irmãos, Henrique e José, de 7 e 14 anos, têm lembranças distintas dos fatos que ocorreram durante a viagem e guardam uma “imagem” da representação e dos acontecimentos que antecederam e os que ocorreram durante a trajetória da família na vinda para São Paulo.

A noção de outro mundo, diferente dos Açores, uma ilha no meio do oceano, água por todos os lados, era algo impensado por Henrique em sua infância. Pensar

---

<sup>12</sup> José de Arruda Soares – Nasceu em 14 de Setembro de 1939 em São Miguel, Açores, Portugal. Emigrou para o Brasil em 4 de Abril de 1956, com 15 anos de idade. Veio para São Paulo com carta de chamada do irmão para todos os membros da família que ainda estavam nos Açores. Vieram no Navio Corrientes, seu pai, mãe e irmãos: Helena, Henrique João e Miguel. Entrevista concedida em 7 de Julho de 2008, na Casa dos Açores de São Paulo.

que essa viagem também seria palco para o processo de imigração açoriana, para a busca futura das identidades e de elos com o passado, onde ainda se veria em sua História e as Memórias, de busca pelo incerto, mas necessário, não estava ainda em suas aspirações.

Durante o século XX o processo emigratório foi marcado pelo caráter familiar, no qual todos ou alguns dos membros das famílias se deslocavam em busca de melhores condições de vida e vendiam tudo que tinham para um recomeço. Muitos ficaram devendo passagens de navio ou emprestavam dinheiro de amigos e familiares para o deslocamento, não tendo muito sucesso em pensar no retorno que seria dificilmente concretizado frente às condições de saída dos Açores e chegada ao Brasil.

Era necessário ter uma “carta de chamada”<sup>13</sup> para dar início aos preparativos da viagem, além de todo processo de mudança, como fariam com a casa, móveis, roupas, animais, pertences entre muitos outros detalhes que precisavam ser pensados frente à mudança de país.

Além da carta, os emigrantes precisavam ter uma orientação para o trabalho, uma sequência na qual viriam ao Brasil, teriam emprego, casa, forma de se manter e serem subsidiados. Isso era feito por outro membro da família ou amigo, para que, se necessário fosse, esse mesmo indivíduo o devolveria frente às adversidades. “Paralelamente à “carta de chamada”, o chamante obrigava-se a lavrar, em um tabelião, a chamada “Escritura Pública de Manutenção” que dava complemento ao documento”<sup>14</sup>.

“Sob o ponto de vista institucional, em 1911, interveio uma lei brasileira que em certo sentido legalizava o uso da *Carta de Chamada*. Por exemplo, introduzia a obrigação da chamada para os maiores de 60 anos e os não aptos para o trabalho: Parágrafo único. Os maiores de 60 anos e os inaptos para o trabalho só serão admitidos quando acompanhados de suas famílias, ou quando vierem para a companhia destas, contanto que haja da mesma família pelo menos um individuo válido, para outro invalido ou para um até dois maiores 60 anos. O único modo para demonstrar que o migrante vinha para estar com a família e esta estava disposta e apta para sua manutenção era se munir de uma *Carta de Chamada*. (...)”<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup> Nas cartas de chamada, um imigrante já instalado assumia as despesas e responsabilidades pela vinda de conhecidos e parentes. “Para dar início às diligências para emigrar era necessário ter, em primeiro lugar, um parente no Brasil. Aí é que entravam em cena os emigrantes que tinham vindo para o Brasil entre 1910 e 1930, pois era rara, já naquela época, uma família em Portugal que não tivesse um membro no Brasil. O Consulado era a primeira repartição no estrangeiro a ser procurada para iniciar todo o trâmite necessário ao embarque do emigrante lá na origem, em Portugal. A “carta de chamada”, o primeiro documento a providenciar. Nela, o chamante, neste caso o parente até o terceiro grau, se responsabilizava não só pela vinda como também pela manutenção, emprego e, em caso do emigrante assim desejar, até o pagamento da passagem de volta à origem”. Ver ALBINO, 1994: 71.

<sup>14</sup> ALBINO, 1994: 71.

<sup>15</sup> CROCI, 2008: 13-39.

Da Legislação sobre as cartas de chamada, tem-se em 1911 um ordenamento sobre como deveria ser a imigração no Brasil. Assim, o decreto n.º 9 081<sup>16</sup> trabalhava normas que deveriam ser seguidas para a entrada no país.

Em 1945 entra em vigor a legislação que conduzia novos objetivos para entrada de estrangeiros no país, a fim de reordenar os grupos de emigrantes dos mais diversos pontos no pós-guerra<sup>17</sup>. A saída para muitos estrangeiros era buscar nas Américas uma nova oportunidade de trabalho e vida. As memórias definem traços muitas vezes semelhantes, uns têm impressões boas, outros nem tanto. Mas de todas elas, a saída dos Açores era algo necessário para sobrevivência, fuga do exército e também para buscar melhores condições de vida, trabalho e moradia. Das impressões da viagem, o Sr. Manoel<sup>18</sup> conta:

“Ele parava nestes portos: Pernambuco, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e depois São Paulo. Quando começa a avistar a costa... Primeiro é que a noção de tempo no mar é completamente diferente, você tem infinitas águas, infinito do céu e a cada minuto tem outra dimensão, a noção de tempo é outra. Então quando você se repara e vê naquela costa, coqueiros e praia, coqueiros e praia, é uma imagem fantástica, viu. Porque na ilha nós não temos... Ilha é vulcânica, é cheia de rochas. Você vê aquela costa toda, é infinito, são praias infinitas a perder de vista de coqueiros e praia. É uma visão realmente... é um negócio fantástico, fantástico. Pessoalmente na ilha como eu vivia, quer dizer, você tem outra visão. E depois desse estágio de 10 dias, porque são 10 dias de viagem o Brasil eram 10 dias de viagem, então você tinha cinco entre ilhas e depois mais 10. Então você realmente vê que há uma dimensão muito fantástica. O bom romancista contempla as ilhas em palavras, não sou..., mas o que posso dizer, mas é fantástica sim”.

A imagem que guardou da vinda para o Brasil foi, em princípio, das ilhas que avistou no caminho, as águas do mar e as “maravilhosas” lembranças do sentimento que lhe veio na lembrança. Em nenhum momento falou das dificuldades da viagem, da comida do navio, dos problemas enfrentados durante a travessia e do que vinha

---

<sup>16</sup> O Decreto n.º 9 081, de 3 de Novembro de 1911, insere novos dimensionamentos ao regulamento do Serviço do Povoamento. Ver HORN IOTTI, 2001: 522-572. A lei é subdividida em 26 capítulos num total de 277 artigos; o capítulo XXIII que compreende os artigos de n.º 231 a n.º 238, trata da *Hospedaria da Ilha das Flores*, do porto do Rio de Janeiro, detalhando as normas de entrada, a permanência e a saída dos imigrantes da *Hospedaria*, a única que era financiada e reconhecida pelo Governo Federal.

<sup>17</sup> “O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição e considerando que se faz necessária cessada a guerra mundial, imprimir á política imigratória do Brasil uma orientação racional e definitiva, que atenda á dupla finalidade de proteger os interesses do trabalhador nacional e de desenvolver a imigração que fôr fator de progresso para o país”. Decreto Lei n.º 7 967 de 18 de Setembro de 1945.

<sup>18</sup> Manoel Henrique Farias Ramos – Nasceu em 8 de Maio de 1939 na Ilha Terceira, Açores, Portugal, chegou ao Brasil em 1957, sozinho. Entrevista concedida à Profª. Dra. Maria Aparecida Pascal, no dia 23 de Outubro de 2006 e cedida para esta pesquisa.



pela frente. Tinha uma “imagem” do que encontraria no Brasil, em suas leituras almejava conhecer o país que tinha possibilidades e oportunidades para sua vida.

Como não era muito comum a vinda sem nenhuma indicação, parentesco ou amigos para encontrar, o Sr. Manoel conta um pouco dessa sua escolha que fez:

“(…) na verdade parentes meus tinha nos Estados Unidos. A escolha que eu fiz para cá... Não tinha nenhum parente aqui, nem tinha amigos, viu! Na verdade queria muito vir aqui para o Brasil e tinha lido o livro do Stefan Zweig, *Brasil, país do futuro*. Eu fiquei maravilhado aqui, então, eu desci no Rio de Janeiro, era para eu ficar no Rio de Janeiro porque lá sim tinha um amigo do meu pai, que tinha servido o exército junto com o meu pai, que era da Confeitaria Colombo, era um dos sócios da Confeitaria Colombo. Eu fui lá, desci fui lá procurá-lo, fui recebido muito bem, aquela coisa toda e ele disse: olha, quando você tiver sua documentação arrumada você vem aqui trabalhar porque tem lugar para você aqui. Exatamente, o meu problema era trabalhar sem documentação, porque eu tinha vindo como turista, tinha estado como turista e não tinha documentos. Então, eu tinha um endereço de uma senhora de 80 e poucos anos, que o marido dela tinha sido amigo do meu avô. Olha só... a esta altura já estou com 67... Aí, eu vim aqui na Rua Vilela, aqui no Tatuapé. Eu cheguei à noite, fiquei tão desesperado, eu peguei o ônibus Cometa, vim para cá de Cometa, cheguei aqui umas 05h30min da manhã. Às seis horas da tarde aquela garoa de São Paulo, aquele friozinho, era Setembro...”<sup>19</sup>.

Para a maioria ou quase todos os açorianos que vinham, o trabalho deveria ser algo concreto, com carta e oficializado em cartório. No entanto, o Sr. Manoel teve sua história um pouco diferente dos demais, na tentativa de almejar um emprego e mudar sua situação, tinha que conseguir casa, emprego e documentação para se manter no Brasil.

As relações de amizade e de companheirismo aconteciam frequentemente entre os açorianos, por uma questão de identificação com a causa da imigração e também pelo fato de serem das ilhas. Essas relações estabeleciam apoio ao trabalho, ajuda para conseguir emprego e também uma forma de unir os açorianos no bairro, pois, nessa nova terra, algumas ações de ajuda garantiam também certa “união” de seus pares. O Sr. Manoel aborda a questão do trabalho que conquistou em sua chegada por companheirismo de outros açorianos que já viviam nas adjacências da Vila Carrão. Além do trabalho como artesão no Cotonifício Guilherme Giorgi, a profissão de açougueiro era comum entre os açorianos. Muitos ficaram conhecidos como açougueiros e montadores de frigoríficos.

---

<sup>19</sup> Manoel Henrique Farias Ramos – Entrevista concedida à Profa. Dra. Maria Aparecida Pascal, no dia 23 de Outubro de 2006 e cedida para esta pesquisa.

“(…) E sozinho, mas aí... Realmente essa senhora me recebeu muito bem, ela era viúva já, foi muito bem e 15 dias depois eu fui trabalhar numa escola onde o sindicalista trabalhava no escritório central Guilherme Giorgi, lá no Brás. Eu fui trabalhar na cidade e aí quando eu cheguei, eles estavam 30 e poucos dias trabalhando. Um senhor do açougue lá desceu, soube que eu estava aqui, da Ilha Terceira, José Cardoso Duarte e me convidou e aí eu fiquei nesse ramo por um bom tempo, uns bons anos. Aí fiquei nesse ramo, montei uma rede de açougues, o frigorífico, fiquei fazendo junto com Manoel Medeiros aqui. E agora ele tem fazenda, mas são coisas grandes deixa para ele. E então foi isso daí (...)”<sup>20</sup>.

O Cotonifício Guilherme Giorgi<sup>21</sup> era o lugar para onde a maioria de açorianos vinha trabalhar. Já havia o estabelecimento de uma “rede” de relações na qual os amigos e parentes conseguiam indicação de trabalho e chamavam os seus pares, familiares, amigos e conhecidos.

Das memórias de viagem e dos motivos que levaram à vinda para o Brasil, o Sr. José de Arruda Soares, irmão mais velho de Henrique, tem outra percepção, que demonstra as visões de cada um frente a uma dada lembrança, apesar da convergência comum do fato vivido por eles, a viagem.

Sobre essa questão de memória individual sobre um fato coletivo, há as ponderações de que o “eu” está enraizado dentro de quadros mais amplos, no caso, dentro de uma visão do acontecimento, em que apesar de recortada a lembrança ela atinge um ponto comum, pois faz parte do acontecimento vivido em comum. Assim, se vê as reconstruções a partir da convergência que:

“(…) o “eu” e sua duração situam-se no ponto de encontro de duas séries diferentes e por vezes divergentes: aquela que se atém aos aspectos vivos e materiais da lembrança, aquela que reconstrói aquilo que não é mais se não do passado. (...) a memória individual existe, mas ela está enraizada dentro dos quadros diversos que a simultaneidade ou a contingência reaproxima momentaneamente. A rememoração pessoal situa-se na

---

<sup>20</sup> Manoel Henrique Farias Ramos – Entrevista concedida à Profa. Dra. Maria Aparecida Pascal, no dia 23 de Outubro de 2006 e cedida para esta pesquisa.

<sup>21</sup> “Paschoal Boronheid e Fernand Delcroix, dois empresários belgas, não poderiam imaginar, ao fundarem a Paschoal Boronheid e Cia., em 10 de Agosto de 1906, do qual se originou a S/A Lanifícios Minerva, que nas mãos de Guilherme Giorgi a empresa fosse alcançar a importância que teve no cenário industrial do país e ajudar no crescimento e desenvolvimento da Vila Carrão. Em 1911, cria nos fundos de sua casa uma pequena tecelagem, com oito teares. Em 1920, funda na Rua Cesário Alvim, no Brás, o Cotonifício Guilherme Giorgi, agora com 21 teares. Nos primeiros anos da década de 1930, adquire uma área de 570 mil metros quadrados na região do Carrão, e nela começa a ser construído o importante complexo industrial, que chegou a compreender um conglomerado de empresas. O Grupo não só empregou um enorme contingente no setor têxtil, e chegou a ter 2 800 funcionários, como ajudou na urbanização da região, construindo casas para seus trabalhadores. Na década de 1980, o loteamento das moradias operárias deu origem ao Jardim Têxtil”. Disponível na internet em: <[http://www.revistainline.com.br/exibe\\_historia\\_bairro.asp?texto=36&bairro=8](http://www.revistainline.com.br/exibe_historia_bairro.asp?texto=36&bairro=8)> (Pesquisa efetuada em 15 de Maio de 2009).

encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados. Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, e é da combinação desses diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem”<sup>22</sup>.

“Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com o meio”<sup>23</sup>. Na verdade essa questão é claramente pontuada nas entrevistas em que dois membros da família abordam a mesma temática, cada um com suas lembranças específicas do fato, em concordância com os pontos fundamentais, mas de qualquer forma, em posições distintas de ocupação relacional.

Já a memória coletiva, apesar de envolver as memórias individuais, não se confunde com elas, pois, uma vez colocadas num conjunto, deixam de ser uma consciência pessoal e passam a ser uma experiência conjunta, ou pelo menos uma experiência em grupo<sup>24</sup>.

Acreditando nas melhores condições de vida, muitas “levas” de portugueses chegaram aos portos brasileiros, não apenas açorianos, mas de Portugal e da Europa em geral.

“Terminada a Segunda Guerra Mundial, final da década de 40 e início da década de 50, inicia-se um verdadeiro êxodo emigratório para o Brasil até o ano de 1965. Durante esses 15 anos aportaram aos portos no Rio de Janeiro e Santos (São Paulo) centenas de viagens operadas pelas companhias de navio North King (Companhia Panamenha), Companhia Colonial Portuguesa (Mousinho, Vera Cruz e Santa Maria), os navios da Mala Real Inglesa (Alcântara, Amazon e outros), da Companhia Argentina DODERO (Salta e Corrientes), das companhias. A Itália também com dois navios e a francesa CGTM com mais dois navios. E todos aportaram no Armazém 16 de Santos”<sup>25</sup>.

A maioria dos moradores da Vila Carrão veio da Ilha de São Miguel e Terceira e, praticamente todos os entrevistados fugiram da “guerra”, seja para salvar seus filhos, seja para impedir a obrigatoriedade de servir. Também buscavam junto a amigos e parentes trabalho, casa e melhores oportunidades. O “Fazer a América”<sup>26</sup> também fazia parte de seus sonhos.

Das lembranças da viagem ao Brasil, Dona Ida faz uma curiosa descrição sobre os fatos dos quais se lembra, especialmente sobre o navio:

---

<sup>22</sup> HALBWACHS, 1999: 13.

<sup>23</sup> HALBWACHS, 1999: 51.

<sup>24</sup> HALBWACHS, 1999: 53.

<sup>25</sup> ALBINO, 1994: 70-71.

<sup>26</sup> “Fazer a América” era o sonho de muitos emigrantes que buscavam no Brasil e em outros países da América melhores condições de vida. Ver FAUSTO, 1999.

“Nós éramos seis irmãos, quatro mulheres e dois homens, meu pai e a minha mãe... Naquela hora da guerra, tinha guerra na Angola e meu irmão tinha 18 para 19 anos e para fugir da guerra... Tinha que imigrar. Ficamos 17 dias na Ilha da Madeira, esperando o Giovana C. para gente vir para o Brasil. Era um vapor italiano. Foi à última viagem que ele fez com passageiro. Ele estava tão velho... Nós levamos da ilha da Madeira a São Paulo (a Santos), 17 dias. Muito lento. Então, ele foi para carga depois, era o que viraria um navio. Vindo por um navio velho... Meu pai não deixava a gente sair dali, sabe aquela coisa... Era o medo. No navio, o atendimento, pelo que eu lembro era, não era ruim, mas pra gente as comidas eram muito diferentes. É... Quando a gente aqui ia comprar mortadela pra comer, meu pai ficava bravo, porque no navio tinha de graça e ninguém queria. E é uma coisa que marca! Mortadela, eles davam no navio pra gente comer de lanche e ninguém queria comer a mortadela, nunca vi aquilo... Aí o meu pai ficava bravo quando a gente queria comprar, porque a gente já tinha acostumado”<sup>27</sup>.

As memórias de Dona Ida englobam a questão da “fuga” da guerra, temendo que os filhos fossem para o combate na África, os pais buscavam na emigração a salvação de todos os males, pois além dessa questão queriam melhores condições de vida para seus filhos. O Brasil era a melhor saída, onde muitos açorianos já se encontravam e mandavam notícias de possibilidades de emprego sem tantas adversidades como pobreza, falta de infra-estrutura, calamidades, terremotos, entre outras questões.

A lembrança da “mortadela” remete à memória de infância, pois esse recorte traz a ela o que realmente marcou sua viagem, o medo de sair e se deslocar livremente, o que havia para comer, o que era diferente do habitual, do cotidiano, no tempo que ficaram na ilha da Madeira. O navio possuía condições precárias, sendo “velho” e sem muitas ofertas além da “mortadela” que depois da viagem tinha outro sabor, tanto que se acostumara a comer, por isso pedia ao pai para comprar.

Alguns membros da mesma família tinham expectativas distintas de outros, entre as irmãs Rezende, a menina que tinha 14 anos na época, ansiava por melhores dias e felizes acontecimentos. Ao falar sobre a viagem ela comenta:

“Aí, para mim, foi maravilhoso!! (exaltação) – Agora pra minha mãe, quase que, eu pensei que minha mãe ia morrer meu irmãozinho que tinha dois aninhos, não, um aninho e pouco mais ou menos... A minha mãe teve que fazer promessa pra ele chegar aqui, de tão mal que ele passava. Quem passava bem era eu e meu pai, não deixava nada de lado, agora eles ficavam sem comer. Para mim era boa, para minhas irmãs já não era, porque estranharam. Foi maravilha, foi uma alegria para mim! (Sobre a chegada) Olha, é uma sensação estranha, eu achei muito quente quando chegamos a Santos!

---

<sup>27</sup> Ilda Maria Salvador dos Reis. Nascida em 22 de Junho de 1939, em São Miguel, Açores, Portugal. Entrevista cedida pela Profa. Dra. Maria Aparecida Pascal. Chegou ao Brasil em 1952. Foi entrevistada na Casa dos Açores de São Paulo em 2 de Outubro de 2006.

Eu achei assim muito quente! Aquele bafo muito quente! Fiquei assim, com uma sensação muito estranha, que não tem explicação. Chegamos em julho, ficamos o mês de junho na Ilha da Madeira, julho chegamos aqui, mas para mim, tudo era festa, eu tinha 14 anos, mas para mim tudo era festa! O meu pai era bom, minha mãe era boa, então o que queria mais?!<sup>28</sup>.

Ao mesmo tempo em que ansiava por uma nova vida, uma nova cidade e o que encontraria no Brasil, Maria viu no navio os problemas que afligiam sua mãe. Não era apenas a questão de ficar doente como seu irmão mais novo, mas as ansiedades que via em sua mãe referiam-se ao que encontraria na nova cidade.

O olhar dos que chegam vêem o que lhe agrada ou desagradada, sempre em perspectiva daquilo que já conhecia. O clima, a construção do espaço, as pessoas, são geralmente as questões mais elucidativas das memórias. Alguns se referem ao cheiro, aos sabores, às sensações da chegada, outros apenas rememoram fatos que lhes foram mais latentes.

A geração posterior à que veio dos Açores tem uma narrativa objetiva dos fatos quando configuram a vinda dos seus antepassados. Ao falar sobre a vinda dos familiares para o Brasil, possuem certa distância dos fatos, sem inserir muita emoção, pois para eles transforma-se em uma história de deslocamento, ou seja, partiu de lá e chegou aqui conforme especificado em anos, dias, meses; enquanto fatos cotidianos.

“Na minha família, do lado do meu pai, quem veio primeiro em 52, foi meu avô. Veio junto com ele os meus tios João, Gilberto, Nicolau e minha Tia Maria. Eles vieram em quatro filhos prá cá. O restante ficou nos Açores. Aí em 53, veio minha avó com os outros que ficaram lá. Então, meu pai, veio com a minha avó nessa segunda leva. Mas, quem veio primeiro foi meu avô. Do lado da minha mãe, quem veio primeiro foi o irmão mais velho dela. Veio casado de lá, meu Tio Diniz com minha Tia Maria dos Anjos. Eles eram casados, depois que eles estavam aqui já com casa, com tudo mais, eles fizeram uma Carta de Chamada prá minha mãe e pro meu Tio Jacinto virem. Só veio meu Tio Jacinto e a minha mãe. Os meus avós nunca saíram dos Açores. Eles ficaram e morreram nos Açores. Outros irmãos foram prá outros países: Estados Unidos, Canadá. Então, da parte do meu pai, toda família veio. Da minha mãe, só uma parte dela é que veio, só. Só vieram três irmãos<sup>29</sup>”.

---

<sup>28</sup> Maria Joana Rezende Rodrigues. Nascida em 14 de Junho de 1939, em São Miguel, Açores, Portugal. Chegou ao Brasil em 28 de Julho de 1953. Foi entrevistada pela Profa. Dra. Maria Aparecida Pascal em 2 de Outubro de 2006 na Casa dos Açores de São Paulo e cedida para esta tese.

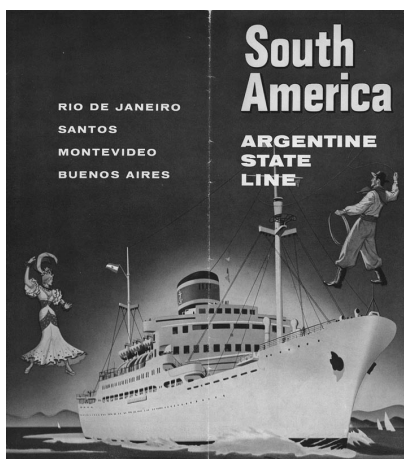
<sup>29</sup> Entrevista realizada com a Sra. Maria Leonilda dos Reis Jacob, filha de açorianos emigrados na década de 50. Data: 27 de Junho de 2009 na Casa dos Açores de São Paulo.

Quando questionada sobre os motivos da vinda de seus familiares, aborda os momentos de dificuldades pelos quais passavam e a carta de chamada dos familiares, que motivavam para a viagem. A fragmentação das vindas se dava pelo motivo financeiro das famílias, uma parte vinha e a outra aguardava enquanto se ganhava dinheiro para pagar as despesas de viagem e de possibilidades de habitação quando viessem.

### **3. As propagandas de viagem: as possibilidades de vinda, o olhar para o futuro e a idéia de regressar**

Muitas eram as possibilidades que o Brasil oferecia aos açorianos, além de trabalho, união aos demais membros da família e reconstrução de uma vida melhor, haviam propagandas elaboradas pelas companhias de navios que fomentavam a viagem por meio das imagens do Brasil.

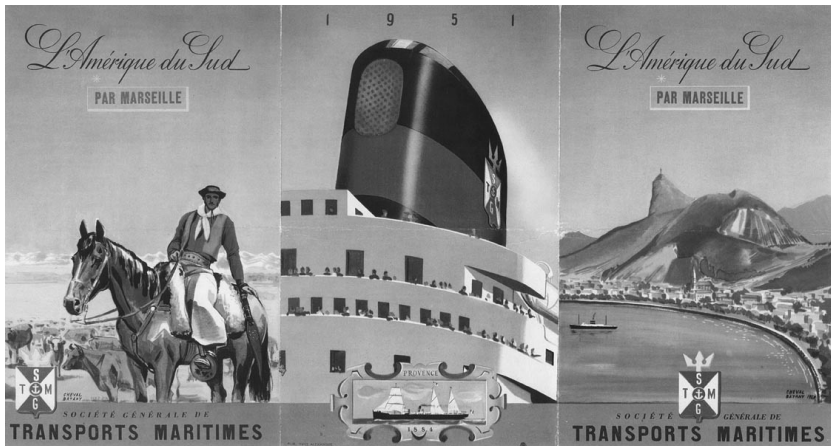
**Figura n.º 1**  
**Propaganda de navios argentinos que passavam pelo Brasil<sup>30</sup>**



---

<sup>30</sup> *List of Shipping Companies and List Of the ships.* The ships “Basically, the website shows images of the front covers of the timetables/sailing lists.” Argentine State Line – (Flota Mercante del Estado) Argentina. South America – Rio de Janeiro, Santos Montevideo, Buenos Aires. 1955. Disponível na internet em: <<http://www.timetableimages.com/maritime/images/list.htm>> (Pesquisa efetuada em 22/8/2009).

**Figura n.º 2**  
**Propaganda de navios para o Brasil (1951)<sup>31</sup>**



As imagens que as companhias forneciam mostravam a beleza do Brasil, especialmente o Rio de Janeiro, pois quase todos os panfletos de propagandas tinham uma menção às praias, ao Corcovado, ao Pão de Açúcar, ao carnaval, Carmem Miranda, além dos pastos do sul do Brasil e da Argentina.

Alguns dos folhetos traziam na capa os valores da terceira classe, que era mais conveniente aos recursos dos emigrantes. Esses muitas vezes tinham que emprestar dinheiro para a viagem e ficavam devendo aos familiares e amigos até conseguirem trabalhar para arcar com as despesas da viagem de todos os membros da família. “A lei portuguesa decretava como emigrante todo o passageiro que viajasse em 3.<sup>a</sup> classe ou equivalente, abaixo de 2.<sup>a</sup> classe”<sup>32</sup>.

Muitas das propagandas de navios acabavam não sendo fiéis às condições dos navios, uma vez que muitos tinham uma infra-estrutura precária e eram totalmente diferentes do que fora vendido.

“Os vapores encurtavam consideravelmente o tempo do percurso da viagem, comparados aos veleiros que levavam 6 semanas nesta travessia, enquanto que os vapores demoravam 3 semanas percorrendo o mesmo trajeto. Além da regularidade e da projeção

<sup>31</sup> *List of Shipping Companies and List Of the ships*. The ships “Basically, the website shows images of the front covers of the timetables/sailing lists.” SGTM-Société Générale de Transports Maritimes-France-Sailings July-December 1953. *Bretagne and Provence. Ports of Call*: Marseilles, Genoa, Marseilles, Barcelona, Dakar, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo, Buenos Aires. Called also at Bahia on return voyages. Disponível na internet em: <<http://www.timetableimages.com/maritime/images/list.htm>> (Pesquisa efetuada em 21/12/2008).

<sup>32</sup> EVANGELHO, 1998. Disponível na internet em: <<http://www.comunidadesacorianas.org/>> (Pesquisa realizada em 22/8/2009).

de suas viagens, escalas e desembarques transmitindo assim aos passageiros, uma grande tranquilidade. Em 1874, João de Sousa Lobo ministro de Portugal, considerava que os progressos trazidos pelos vapores aliviaram mais o sofrimento dos emigrantes do que as leis criadas para os protegerem. (...) De 1922 a 1926 efetuaram-se as carreiras em direitura, num total de quinze viagens: três em 1922; seis em 1923; duas em 1924; uma em 1925; três em 1926. Durante esses cinco anos, os vapores eram consignados somente a uma companhia de navegação: o Lloyd Brasileiro, representada na cidade de Angra do Heroísmo pelos agentes gerais "Elias Pinto & Rego". Eles se mantiveram ativos sob a sigla referida durante os anos de 1922 a 1927, sempre na mesma cidade. O Sr. E. Cunha Pinto pertencia à sociedade da conceituada Casa Bancária e de Navegação "Borges do Rego" sediada em Lisboa<sup>33</sup>.

Figura n.º 3  
Companhia Lloyd Brasileiro<sup>34</sup>



As companhias que vinham ou pelo menos passavam pelo Brasil, desde a brasileira Lloyd, Companhia Colonial Portuguesa (Mousinho, Vera Cruz e Santa Maria), os navios da Mala Real Inglesa (Alcântara, Amazon e outros), da Companhia Argentina

<sup>33</sup> EVANGELHO, 1998.

<sup>34</sup> O Lloyd Brasileiro foi uma companhia fundada em 1890. Inicialmente de passageiros, passando para cargas costeiras e serviços do rio Amazonas. Suas rotas foram expandidas para cobrir o Mediterrâneo, Norte da Europa, do Sul, América Central e Estados Unidos. No entanto, muitos de seus navios foram abatidos no início de 1990 e a empresa deixou de funcionar pouco tempo depois. Veja uma das Imagens do Lloyd Brasileiro. *List of Shipping Companies and List Of the ships*. "Basically, the website shows images of the front covers of the timetables/sailing lists". Disponível na internet em: <<http://www.timetableimages.com/maritime/images/list.htm>>. Pesquisa realizada em 22/8/2009.



DODERO (Salta e Corrientes), até as companhias Itália também com dois navios e a francesa CGTM com mais dois navios.

As viagens eram longas e cansativas, além do fato de que muitos ficavam doentes durante o trajeto. As crianças geralmente se divertiam porque tudo era diferente para elas, no entanto, muitas não aguentavam a viagem e acabavam doentes ou até morriam. Das experiências de viagens dos entrevistados nota-se uma grande diferença de percepção conforme a idade e o que se esperava da viagem, além das angústias e aspirações sobre o que estava por vir em nova terra.

Quando comentam como foi a viagem ao Brasil, suas memórias são fragmentadas segundo suas respectivas faixas etárias na época, suas percepções sobre o que seria a viagem na época e principalmente os motivos que fizeram a família emigrar. Os processos pelos quais passou essa e muitas outras famílias açorianas será o arcabouço de questões que permearão as motivações, sendo seu cotidiano e histórias os responsáveis pela aglutinação do que acontecia nas ilhas e no continente.

“Essas dificuldades explicam, sem eufemismos, a grande vaga emigratória da segunda metade do século XIX, quando a descida dos fretes da navegação e a exploração de novos territórios apelaram por mão-de-obra. Então, a população dos Açores, ainda que em termos populacionais mais não representasse do que 5,7% no total da população portuguesa (dados relativos ao ano de 1878), sempre figurou com uma participação superior aos 10% nos contingentes emigratórios portugueses, entre os anos sessenta e oitenta, ainda que com picos nos anos de 1873 (participaram com 18%), de 1874 (com 17,7%) e de 1877 (com 19,8%). Nos inícios do século XX, entre 1902 e 1916, a emigração mecaelense sempre foi superior à média nacional”<sup>35</sup>.

Ao longo dos séculos, as ilhas açorianas vêm sendo terras de partida e de chegada, num processo contínuo de idas e vindas, desde a emigração para o Brasil, em diversas ondas, Estados Unidos, Canadá e Bermudas, entre outros muitos destinos, parece haver uma propensão latente de emigrar<sup>36</sup>.

Desde o século XVI o fenômeno emigratório faz parte da memória coletiva deste povo. Seja na colonização do Brasil, seja em outros processos de crise e instabilidade, a saída das ilhas parece incorporada não só na história dos Açores, mas também nas memórias dos que ali vivem e viveram um dia.

Cabe lembrar que não houve um único padrão de deslocamento dos grupos familiares, muitos imigrantes eram chefes de família, vieram bem antes de seus familiares que ficaram aguardando em Portugal; outros vieram ainda quando crianças ou jovens, sem a família nuclear; em outros casos, a família nuclear veio junta, mas em

---

<sup>35</sup> EVANGELHO, 1998: 15-16.

<sup>36</sup> MEDEIROS, MADEIRA, 2004: 15.

alguns deles não permaneceram unidas no novo contexto ou nunca se encontraram e/ou não voltaram a se constituir<sup>37</sup>.

A cidade de São Paulo foi, para muitas famílias e indivíduos que viajavam sozinhos, uma alternativa de trabalho. Uma das questões que faziam esse movimento de oferta e demanda, cujas necessidades industriais buscavam mão-de-obra imigrante e na contra partida, os açorianos buscavam os ideais de reconstrução da vida.

Das famílias açorianas que emigraram, muitas deixaram parentes e amigos e esperavam um dia voltar a revê-los. Para representar o fenômeno da emigração, a literatura em grande parte narrou “os sentimentos e efeitos relativos às partidas e chegadas do que propriamente a experiência emigrante”<sup>38</sup>.

“(…) É que nas ilhas, onde o tempo e o espaço se condensam, intensificando formas de estar e sentir, tal realidade impõe-se não tanto como fenômeno social em si, mas antes como marca de uma condição existencial de forte sofrimento, emoção e perspectiva universal”<sup>39</sup>.

No Brasil houve para aqueles que permaneceram uma identificação que acabou transformando o sonho de retorno. Muitos querem retornar para rever a terra natal, mas quando questionados sobre voltar para viver, relutam em aceitar a idéia.

“Não sei se eu voltaria, eu acho uma vida meia,...até se me ocupar, tiver uma ocupação, eu acho a gente quando vai passear é uma coisa, pra morar é outra coisa. Até se eu me ocupasse em alguma coisa. Se eu fosse fazer um trabalho, se eu tivesse trabalhando e tal eu acho é claro poxa, acha que eu não vou me acostumar na minha Terra, como é que vai fazer?...Mas de todos esses países que eu vi eu não me acostumaria fora de São Paulo não!”<sup>40</sup>.

Com o passar do tempo, a estabilidade e a vida em seu rumo fica difícil uma tentativa de retorno. A terra natal fica “esquecida” ou “adormecida” por conta de outras questões. A fixação definitiva é uma regra praticamente geral, pois se observa ao longo dos processos que a emigração familiar tendia a dificultar o retorno, com os filhos nascidos e sendo educados em outro país, gerava um agravante na decisão de retornar. Para os que têm sucesso, a tendência a buscar um retorno diminuía ainda mais. No quadro abaixo elaborado sobre o regresso, têm-se nas razões:

---

<sup>37</sup> DEMARTINI, 2003: 3.

<sup>38</sup> BATTISTA, 1993: 40-41.

<sup>39</sup> BATTISTA, 1993: 41.

<sup>40</sup> Entrevista do Senhor Manoel de Medeiros. Concedida em 3/6/2008 em sua Indústria.

**Quadro n.º 1**  
**Principais razões do regresso<sup>41</sup>**

<b>Razões</b>	<b>%</b>
Já tinha atingido os objectivos	38,9
Não conseguiu integrar-se	11,6
Por já estar reformado	0,0
Porque estava desempregado	2,1
Por questões familiares	14,7
Por questões de educação dos filhos	5,3
Porque tinha cá bens	2,1
Por motivos de saúde	11,6
Outras razões	13,7
<b>Total</b>	<b>100,00</b>

“Os açorianos da emigração são hoje, pelo seu número e pela sua diversidade, um vasto prolongamento da unidade e da diversidade dos Açores. São continuadores, descendentes, representantes de um conjunto de tradições, de uma língua e de uma cultura – de que não têm que se envergonhar. Enquanto conhecem a sua língua materna, enquanto lembrarem as suas terras e as suas festividades, enquanto conservarem, ainda que só reminiscências da história do seu povo, estão a constituir uma comunidade autêntica, assente nos laços de sangue e de cultura<sup>42</sup>”.

Dessa colocação, percebe-se um discurso pautado na construção da açorianidade, como ponto chave para os que desconstruíram e reconstruíram suas vidas e encontraram de alguma forma um meio de continuar alguns de seus traços culturais.

### **Considerações finais**

As formas com as quais cada indivíduo busca suas raízes e como articulam grupos remete-se a uma questão, trabalhada sob a perspectiva da necessidade de se construir um “ser açoriano”, uma identidade específica, assim: “esparramados pelas brumas do mar que pontilharam muitas terras, notadamente ao longo dos séculos XVIII a XX, ilhéus açorianos realizaram a diáspora e passaram a constituir uma comunidade internacional. Desafiados sim, muitos emigraram, tangidos pela alma partida, em busca de trabalho, de meios concretos de sobrevivência, para além mar, a sangrar horizontes, na expectativa de encontros e de reencontros. Foi a saída. Por onde ancoraram, suas marcas, sua herança cultural buscou espaço, apesar de reveses. Essa história e suas particularidades, captada não só no aparente tem sido buscada

<sup>41</sup> MEDEIROS, MADEIRA, 2004: 77.

<sup>42</sup> PIRES, 1978: 17.

com vivo e incessante interesse pelos próprios emigrados na contemporaneidade, como pelos descendentes daqueles que há mais tempo partiram para outras plagas. Qual surto, como uma "epidemia", alastrou-se a busca pela origem de base açoriana, com vigor tal que a genealogia ganhou espaço e dimensão como nunca dantes. A pergunta a ser feita é: por que esse interesse? Por que essa busca? Por que esse resgate de origens?"<sup>43</sup>.

O discurso de continuidade das raízes e a busca das origens foi por muito tempo de interesse da história, agora, trata-se de uma tendência daqueles que efetivamente valorizam o passado e os antepassados, pois, sem história ninguém se reconhece nesse ambiente cada vez mais igual e tão diferente.

## Fontes e bibliografia

### Bibliografia

- ALBINO, Adriano, 1994 – *Emigração (100 anos) Século XX: A Diáspora dos Portugueses*. São Paulo: CJE/ECA/USP.
- BATTISTA, Adelaide Monteiro, 1993 – *João de Melo e a Literatura açoriana*. Lisboa: Dom Quixote.
- CROCI, Federico, 2008 – “O chamado das cartas: migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil”. *Locus: Revista de História*, Juiz de Fora, v. 14, n.º 2.
- DEMARTINI, Zeila Brito Fabri, 2003 – “*Imigração, Família e Educação*”, in *V Congresso Luso-brasileiro de História da Educação*. Évora.
- FAUSTO, Boris (org.), 1999 – *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP.
- FLORES, Maria Bernadete Ramos, 2000 – *Povoadores da fronteira: os casais açorianos rumo ao sul do Brasil*. Florianópolis: UFSC.
- HALBWACHS, Maurice, 1999 – *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais.
- HORN IOTTI, Luiza (org.), 2001 – *Imigração e colonização, legislação 1747 a 1915*. Caxias do Sul: Educs.
- LOBO, M. E. L., 2001 – *Imigração Portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec.

---

<sup>43</sup> Este artigo foi um trabalho publicado em Comunidades Açorianas, que traz alguns autores portugueses e açorianos discutindo as temáticas insulares e portuguesas em geral. Disponível na internet em: <[http://www.comunidadesacorianas.org/artigo.php?id\\_artigo=59&idioma=PT](http://www.comunidadesacorianas.org/artigo.php?id_artigo=59&idioma=PT)> (Pesquisa realizada em 20/9/2009).

- MEDEIROS, Octávio H. R. de; MADEIRA, Arthur B., 2004 – *Emigração e Regresso no Concelho de Nordeste*. Ponta Delgada: Centro de Estudos Sociais. Universidade dos Açores.
- MENEZES, Lená Medeiros de, 2000 – “Jovens Portugueses: Histórias de Trabalho, Histórias de Sucessos, Histórias de Fracassos”, in GOMES, Angela de Castro (org.) – *Histórias de Imigrantes e de Imigração no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- PIEKHANOV, Guiorgui Valutnovitch, 2008 – *O Papel do Indivíduo na História*. São Paulo: Expressão Popular (Reimpressão).
- PIRES, António M. B. Machado, 1978 – “Emigração, Cultura e Modo de Ser Açoriano”, in *Congresso dos Emigrantes Açorianos*. Angra do Heroísmo.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz; CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza, 2003 – *Olhares Lusos e Brasileiros*. São Paulo: Usina do Livro.

### **Documentos electrónicos**

- AMARAL, Rita – “Festa à Brasileira: sentidos do festejar no país que “não é sério”. Disponível na internet em: <<http://www.aguaforte.com>> (Acesso em 13/1/2007).
- CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO. *XXXI Festa do Divino Espírito Santo*. Disponível na internet em: <<http://casadosacores.com>> (Acesso em: 13/1/2007).
- EVANGELHO, Judite Toste, 1998 – “Os Açorianos e a Produção Leiteira no Rio de Janeiro (1860-1937)”. Disponível na internet em: <<http://www.comunidadesacorianas.org/>> (Acesso em 22/8/2009).
- MARITIME TIME TABLE IMAGES. *List Of Shipping Companies*. Disponível na internet em: <<http://www.timetableimages.com/maritime/images/list.htm>> (Acesso em 21/12/2008).
- MARITIME TIME TABLE IMAGES. *List Of Shipping Companies*. Disponível na internet em: <<http://www.timetableimages.com/maritime/images/list.htm>> (Acesso em 22/8/2009).
- NOTÍCIAS DE ITAQUERA. *Açorianos preservam tradições na região*. Disponível na internet em: <<http://www.noticiasdeitaquera.com.br>> (Acesso em 13/1/2007).
- PORTAL DA COMUNIDADE LUSO-BRASILEIRA DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Conselho da Comunidade Luso-Brasileira do Estado de São Paulo*. Disponível na internet em: <<http://www.cclb.org.br/boletins/boletins02.htm>> (Acesso em 21/8/2009).
- REVISTA IN. *Era uma vez um bairro com muitas chácaras*. Disponível na internet em: <[http://www.revistainonline.com.br/exibe\\_historia\\_bairro.asp?texto=36&bairro=8](http://www.revistainonline.com.br/exibe_historia_bairro.asp?texto=36&bairro=8)> (Acesso em 15/5/2009).
- ROCHA, Gilberta Nunes Pavão, 2001 – “A Emigração nos Açores nos séculos XIX e XX. A necessidade, a solução, a valorização”, in *Portos, Escalas e Ilhéus no Relacionamento entre o Comemorativo do Regresso de Vasco da Gama a Portugal*, 2.º volume. Açores: Comissão Nacional para Comemorações dos Descobrimentos Portugueses/Universidade dos Açores. Disponível na internet em: <<http://www.comunidadesacorianas.org/>> (Pesquisa efetuada em 24/8/2009).
- WEBLOG ALENTEJANDO. *Manual do Cantoneiro*. Disponível na internet em: <<http://alentejanando.weblog.com.pt/arquivo/064798.html>> (Acesso em 23/8/2009).

**Depoentes**

Henrique de Arruda Soares – Entrevista concedida em 7 de Julho de 2008, na Casa dos Açores de São Paulo.

Ilda Maria Salvador dos Reis – Entrevista cedida pela Profa. Dra. Maria Aparecida Pascal, entrevistada na Casa dos Açores de São Paulo em 2 de Outubro de 2006.

José de Arruda Soares – Entrevista concedida em 7 de Julho de 2008, na Casa dos Açores de São Paulo.

Manoel Henrique Farias Ramos – Entrevista concedida à Profa. Dra. Maria Aparecida Pascal, no dia 23 de Outubro de 2006 e cedida para esta pesquisa.

Maria Leonilda dos Reis Jacob – filha de açorianos emigrados na década de 1950. Data: 27 de Junho de 2009 na Casa dos Açores de São Paulo.